

ciência+saúde

MATA ATLÂNTICA

Região do Descobrimento é campeã de desmatamento, mostra relatório

Sul da Bahia perde pelo menos 6.000 hectares, indicam dados da SOS Mata Atlântica e do Inpe

Nos 17 Estados que compõem o bioma, a redução atinge 29.075 hectares, a maior área em dez anos

EDUARDO GERAQUE

ENVIADO ESPECIAL AO SUL DA BAHIA

O ciclo de destruição da floresta atlântica, que começou em 1500 por causa dos europeus, volta a ficar ativo na Bahia, revelam dados de um mapeamento florestal da ONG SOS Mata Atlântica e do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Muito impulsionada pela redução da mata na região sul do Estado, a Bahia foi campeã nacional de desmatamento da vegetação atlântica entre 2015 e 2016, segundo o atlas do desmatamento a que a **Folha** teve acesso.

No Estado, caíram 12.288 hectares de vegetação, um crescimento de 207% em relação à análise anterior, de 2014-2015. Três cidades do sul da Bahia — Santa Cruz de Cabrália, Belmonte e Porto Seguro — são responsáveis por metade desse total.

Bioma onde vivem 72% da população brasileira, a mata atlântica se estende do Rio Grande do Sul ao Piauí.

Em todo o país, a derrubada aumentou 57,7% no período em comparação ao ano anterior. Houve uma redução de 29.075 hectares de floresta.

O índice preocupa os especialistas da SOS Mata Atlântica. Há 10 anos não havia uma derrubada do bioma nessas proporções.

CABRÁLIA

Curiosamente, o atual processo de redução da mata atlântica no sul da Bahia tem

componentes que remetem ao ciclo histórico dos tempos coloniais. Alguns fatores geográficos e socioambientais do desmate não mudaram. A primeira missa em solo brasileiro ocorreu na região da atual Santa Cruz de Cabrália. Lá os índios viviam em meio a uma rica floresta, e o pau-brasil logo virou valiosa matéria-prima, motivando disputas pelo território.

Durante dois séculos, entre 1500 e 1700, estimativas científicas indicam que mais de 460 mil árvores da espécie que dá nome ao Brasil acabaram ceifadas da exuberante floresta, hoje conhecida pelo nome de mata atlântica.

O processo colonial de desmatamento, que praticamente acabou com o pau-brasil, envolveu dos donos dos negócios (os europeus que exportavam a madeira e faziam os corantes) aos índios, que faziam o escambo. Em um segundo período, também os escravos participaram.

Todos, por vários tipos de pressão ou dominação, participaram do aniquilamento.

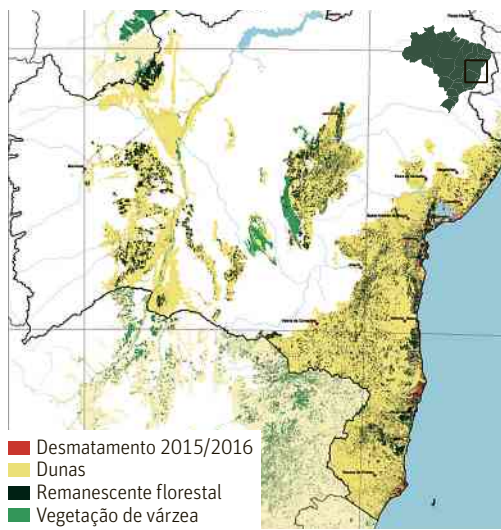
A mesma Cabrália, além de Belmonte e Porto Seguro, aparecem na lista dos cinco maiores desmatadores (veja quadro à dir.).

A partir das coordenadas do satélite, a expedição de campo, via estradas de terra entre propriedades privadas desertas, dá formato à destruição. Após dois dias percorrendo o sul da Bahia, a diretora-executiva da SOS Mata Atlântica, Marcia Hirota, resume: “É muito triste”.

Os números captados pelas análises mostram que em Cabrália houve o desmate de 3.058 hectares de mata atlântica, mais de 10% do que caiu de todo o bioma no país. Ainda não são claras as ra-

TERRA À VISTA

Sul da Bahia é região que mais corta mata atlântica



OS DEZ MUNICÍPIOS QUE MAIS DESMATARAM

Em hectares

Santa Cruz de Cabrália* (BA)	3.058
Belmonte* (BA)	2.119
Manoel Emídio (PI)	1.281
Wanderley (BA)	1.180
Porto Seguro* (BA)	856
Águas Vermelhas (MG)	753
Canto do Buriti (PI)	641
Alvorada do Gurguéia (PI)	625
São João do Paraíso (MG)	573
Jequitinhonha (MG)	450

*Municípios do sul da Bahia

“É desolador que isso tenha ocorrido numa cidade histórica, reconhecida como um dos pontos de chegada dos portugueses e local da primeira missa no Brasil”

MARCIA HIROTA

diretora-executiva da ONG SOS Mata Atlântica

zões que levaram a esse aumento na região.

Na visita recente da reportagem à região, áreas estavam sendo limpas e madeiras retiradas por caminhões.

Nas propriedades vizinhas, fazendas de eucaliptos já engoliram a floresta nativa em anos anteriores, o que pode ter voltado a ocorrer, de acordo com os especialistas.

Contudo, nem toda ação de desmatamento, vista do alto, é ilegal. O mapeamento via satélite não separa os feitos dentro da lei dos de fora.

Algumas das ações de derrubada, especialmente em áreas públicas, são feitas por índios ou pessoas que vivem com subemprego.

TURISMO

O sul da Bahia, segundo Marcia Hirota, é rico em biodiversidade e tem grande potencial turístico, o que seria uma saída viável para o desenvolvimento socioambiental da região, segundo ela.

“Estamos destruindo um patrimônio importante, que poderia gerar desenvolvimento regional”, afirma.

A expedição também encontrou muitas áreas que foram destruídas parcialmente pelo fogo. A floresta acinzentada está morta. Os cadáveres expostos parecem em compasso de espera.

Nos próximos anos, dentro do ciclo atual de desmatamento em curso no sul da Bahia, os troncos asfixiados pelo fogo poderão continuar à mostra ou darem vez ao pasto ou a alguma monocultura.

Enquanto no Estado da Bahia restam 11% de mata atlântica, em todo o Brasil o índice é um pouco maior, 12%.

Os jornalistas EDUARDO GERAQUE e DIEGO PADGURSCHI viajaram ao sul da Bahia a convite da ONG SOS Mata Atlântica

Para líder pataxó, aldeias devem explorar turismo

DO ENVIADO AO SUL DA BAHIA

Toda a complexidade que envolve o termo desenvolvimento sustentável, por mais desgastado que ele esteja, está explícita em Porto Seguro (BA), aos pés do monte Pascoal, a montanha que motivou a esquadra de Cabral a anunciar “terra à vista”.

Um dos pontos em vermelho nos mapas gerados pela ONG SOS Mata Atlântica e pelo Inpe mostra que o desmatamento da mata atlântica entre 2015 e 2016 aumentou dentro dos limites do Parque Nacional do Monte Pascoal.

“A retirada de madeira ocorre por causa dos índios e dos brancos também”, afirma Osiel Ferreira Pataxó, 57, cacique da aldeia Pé do Monte.

Ele prefere que a sua gente ganhe a vida de outra forma. “Você sabe como funcionava o celular do índio?”, pergunta o cacique ao repórter. Ao seu lado, dentro da floresta atlântica que cerca o monte Pascoal, uma gindiba, árvore gigantesca.

O cacique Pataxó começa a bater de forma ritmada no tronco da árvore para mostrar como os antigos índios se comunicavam entre si dentro da floresta.

“Nós precisamos de infraestrutura adequada para ganhar dinheiro com o turismo. Muitos visitantes, inclusive do exterior, costumam vir aqui”, diz.

Na visão do líder indígena, o turismo, em vez do desmatamento, é a grande saída para as 17 aldeias que existem na região.

A madeira extraída do parque abastece fábricas de artesanato de cidades vizinhas. Elas exportam os produtos para vários comércios populares, inclusive os de São Paulo.

Área desmatada em Santa Cruz de Cabrália, no sul da Bahia



Diego Padgugachi/Folhapress

ANÁLISE MATA ATLÂNTICA

Atuação de ONG é relevante, mas não dá para falar em sucesso

Apesar da vigilância sistemática da SOS Mata Atlântica, criada em 1985, muito pouco resta da floresta tropical

MARCELO LEITE
DE SÃO PAULO

Quando um grupo de estudantes da USP se revoltou contra o plano de construir um aeroporto nas matas de Caucaia do Alto (periferia de São Paulo), ali por 1978, poucos poderiam imaginar que começava a nascer um dos mais bem-sucedidos projetos ambientalistas do Brasil.

Os jovens fundaram uma das primeiras ONGs verdes do país, a Oikos, em 1980. Após cinco anos, o grupo deu origem à SOS Mata Atlântica, que iniciou mapeamento dos remanescentes da floresta tropical que recebeu os portugueses e abrigou seus descendentes por cinco séculos, pagando alto preço por isso.

Graças a esses idealistas com senso prático e pendor científico, conta-se hoje com uma valiosa série histórica sobre o desmatamento no bioma que deu ao país nascente sua primeira fonte de renda, o pau-brasil. E, por extensão, seu nome próprio.

No entanto, quando essa vigilância sistemática começou, há três décadas, já restava muito pouco a preservar: não mais que 181 mil km² do total original de 1,3 milhão de km². Ou seja, 86% da mata atlântica já haviam sucumbido à aversão brasileira pelo “mato” quando aquela moçada passou a tentar nos convencer de que isso era um desastre.

Desde então, outros 19 mil km² se perderam, uma área equivalente a quase um Sergipe inteiro. A primeira floresta brasileira avistada se reduziu a 12,5% do que era.

Seria decerto muito pior se a vigilância desencadeada pela SOS Mata Atlântica não tivesse existido, mas não dá para falar em sucesso.

É o Brasil inteiro que falha quando se mostra incapaz de preservar a floresta que recicla os recursos hídricos de que depende a maior parte de sua população, ainda concentrada nas capitais que margeiam a costa do oceano Atlântico.

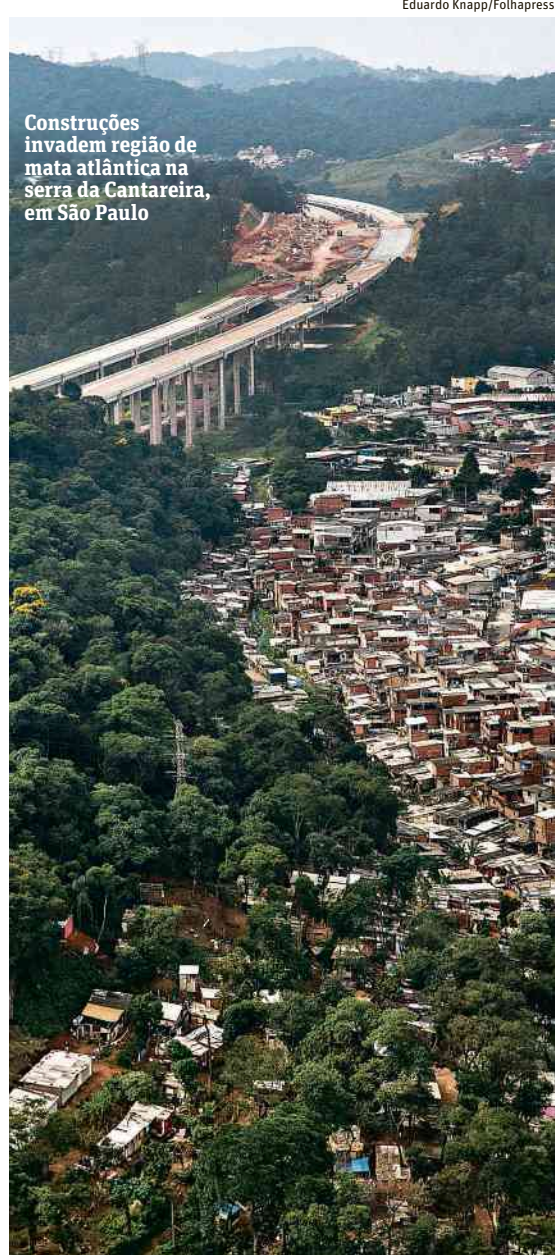
Nem mesmo a recomposição ora em curso pode, com honestidade, ser encarada de modo otimista.

Embora seja um fato positivo, não se trata de obra humana, mas de seu afastamento: o que ressurge da mata atlântica se dá por regeneração natural, principalmente, e não porque o replantio estimulado por ONGs como a SOS tenha alcançado escala significativa.

REGENERAÇÃO

Foram quase 2.200 km² de regeneração de 1985 a 2015, pouco menos que uma vez e meia a superfície da cidade de São Paulo. Cotejada com os 19 mil km² desmatados no mesmo período, a cifra não chega a ser animadora.

Isso não é motivo, decerto, para esmorecer. Não só porque o que resta da mata atlântica merece ser preservado por seu valor histórico, paisagístico e de biodiversidade, mas também por razões práticas: precisamos da água que ela produz para sobreviver.

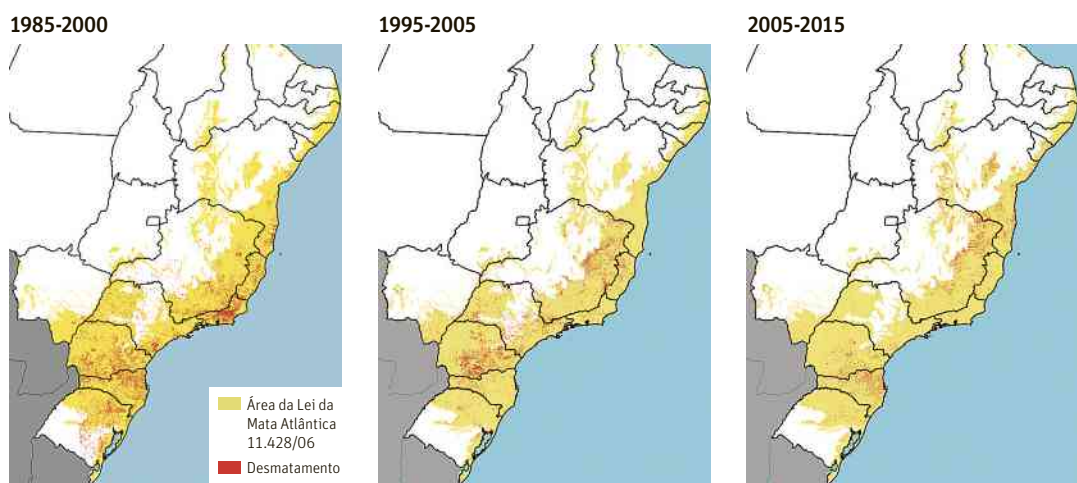


Construções invadem região de mata atlântica na Serra da Cantareira, em São Paulo

Eduardo Knapp/Folhapress

FLORESTA CEIFADA

Levantamento mostra destruição da mata atlântica ao longo de 30 anos



Reprodução/Fundação SOS Mata Atlântica

Ausência de ação humana ajudou regeneração de 490 mil hectares

DE SÃO PAULO

Depois de séculos de destruição, a regeneração da mata atlântica em alguns locais do país começa a animar os pesquisadores da área.

Essa visão positiva de cientistas se dá mesmo que a recomposição florestal ocorra em áreas pequenas e fora de Minas Gerais e Bahia, onde o desmatamento prevalece.

De acordo com o mapeamento da rede Global Forest Watch, que enxerga áreas com boa precisão, a mata atlântica voltou a crescer em 489.816 hectares entre 2000 e 2014. Os 12% de mata que restam no Brasil cobrem 16,3 milhões de hectares.

“Estamos conseguindo reverter o processo histórico de predomínio de desmatamentos para iniciar uma era de predomínio da regeneração”, afirma Pedro Brancalion, pesquisador do Laboratório de Silvicultura Tropical da USP, em Piracicaba (SP).

O próprio campus uspiano do interior paulista é um exemplo de regeneração, segundo Brancalion. “Por meio do trabalho de alunos da graduação, a cobertura florestal do local duplicou”.

Apesar de todo o desenvolvimento científico das últimas décadas, que gerou receitas de como recompor a floresta atlântica, a maior parte das áreas regeneradas surgiu pela total ausência da intervenção humana.

“A recuperação florestal tem ocorrido principalmente em áreas de menor aptidão agrícola que são abandonadas”, afirma o pesquisador.

Tanto o êxodo do campo para as zonas urbanas como o abandono de cultivos em áreas muito íngremes, onde as máquinas não conseguem

operar, estão abrindo espaço para a mata.

Um dos problemas das áreas abandonadas pelos proprietários rurais, segundo o pesquisador Ricardo Ribeiro Rodrigues, também da USP, é que, por simples inércia, a mata volta a crescer, mas não com qualidade.

“A paisagem, muitas vezes, não permite a chegada de novas espécies porque são poucos fragmentos”, diz Rodrigues. Nestes casos, os locais precisam ser monitorados e enriquecidos com outras espécies, uma receita que muitas vezes custa caro.

Há exemplos, segundo ele, a demonstrar que o caminho da regeneração passou a ser viável dos pontos de vista econômico e ecológico.

Para o dono da terra, o ganho com a regeneração pode compensar o prejuízo registrado pelo abandono das áreas para agricultura.

Em tempos de escassez hídrica, ter a mata atlântica ao redor dos mananciais é uma solução para evitar que falte água nas torneiras.

Brancalion, aliás, tem sugestões sobre isso. Fortalecer a proteção do que sobrou é uma delas. “Muitas de nossas reservas são abandonadas”, comenta.

A segunda é a recuperação da floresta em áreas vitais tanto para o homem como para a natureza. “O produtor precisa ser bem remunerado pela proteção florestal ou por produtos extraídos dela”, diz.

Mas será que nas áreas regeneradas em que a flora voltou, a vida animal está presente com qualidade? “Existem florestas há mais tempo regeneradas, como a da Tijuca, no Rio, onde os anfíbios vivem bem”, diz Célio Hadad, cientista da Unesp. (E6)

Folha promove debate sobre mata atlântica

DE SÃO PAULO

A **Folha** terá, em 5 de junho (segunda-feira), Dia Mundial do Meio Ambiente, uma discussão sobre a mata atlântica.

O debate, feito em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, tem o objetivo de diagnosticar a situação do bioma — conjunto de seres vivos que ocupam determinada área — e refletir sobre seu futuro, elencando boas iniciativas para combater o desmatamento e restaurar as partes danificadas.

A situação é crítica: restam apenas 16 milhões dos 131 milhões de hectares originais da mata atlântica. Só entre os anos de 1985 e 2015, foram desmatados quase 2 milhões de hectares, de

acordo com a fundação.

No mesmo período, porém, quase 220 mil hectares foram restaurados, o que sugere que campanhas de conscientização podem surtir efeito para mitigar o processo de extinção do bioma.

Para o debate, estão confirmadas as participações de Magda Lombardo, professora de geografia da Unesp, especialista em clima urbano e planejamento territorial, Mário Mantovani, diretor de políticas públicas da SOS Mata Atlântica, e o produtor de cinema e TV Estevão Ciavatta, idealizador da campanha de financiamento coletivo Dá Pé, voltada ao reflorestamento de biomas do país.

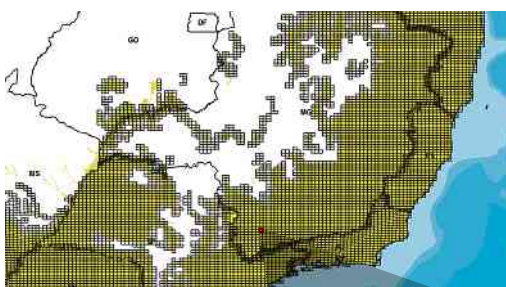
O evento acontecerá às 19h, no auditório da **Folha**, na alameda Barão de Limeira, 425, em São Paulo.

As inscrições são gratuitas e estão abertas. Para se inscrever, basta acessar o site eventos.folha.com.br.

COMO FUNCIONA O MONITORAMENTO DA FLORESTA?

1. Imagens de satélite do mapa original da mata atlântica são separadas, a cada ano de análise

2. Em uma escala detalhada, a área de vegetação é dividida em pequenos quadros que podem ser esmiuçados em uma única tela de computador



3. As áreas que ainda tinham floresta nos levantamentos anteriores são assinaladas



4. A coloração da imagem, após processamento digital, mostra onde a floresta sumiu ou não

5. Os dados são checados por uma outra pessoa e também com auxílio do Google Earth

6. A soma das áreas sem floresta que foram delimitadas mostra o tamanho do estrago

O QUE É MEDIDO?

- > Remanescentes Florestais - Mata
- > Remanescentes de Restinga Florestal
- > Remanescentes de Vegetação de Mangue

- > Áreas Naturais não Florestais: várzeas, campos de altitude naturais, refúgios de vegetação, dunas, restinga herbácea, apicum e campo úmido

“A regeneração natural não é a solução para tudo, mas pode ajudar muito, desde que seja entendida como um método que precisa ser enriquecido para ter valor ecológico”

RICARDO RIBEIRO RODRIGUES
do Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal da USP

“É preciso ir além do bom-mocismo para envolver as empresas e os produtores rurais num cenário favorável ao investimento nessa nova atividade da recuperação ambiental”

PEDRO BRANCALION
do Laboratório de Silvicultura Tropical da USP



Cachoeira Vêu de Noiva, que pode ser acessada por uma trilha bem demarcada

MATA ATLÂNTICA

OITENTÃO

Primeiro parque nacional do Brasil, Itatiaia (RJ) celebra oito décadas com inauguração de novo centro de visitantes

EDUARDO GERAQUE
ENVIADO ESPECIAL A ITATIAIA (RJ)

Ao virar uma chave na mente depois de passar pela portaria da parte baixa do Parque Nacional de Itatiaia, entre Rio e São Paulo, o visitante começa a se surpreender com a riqueza de uma mata atlântica saudável.

É difícil fazer o cérebro se desligar das formas e dos sons urbanos para acionar o modo natureza. Mas vale insistir: o exercício ajudará a reforçar a importância de uma área de 28 mil hectares intacta, entre as duas maiores cidades do país.

O contraste visual para quem sobe ao mirante do Último Adeus ratifica a razão de ser do Parque Nacional de Itatiaia, o primeiro do país.

Em junho, a criação da área vai completar 80 anos. A agenda de comemorações prevê a inauguração de um novo centro de visitantes, com réplicas da fauna local, como os felinos, os macacos, o tamanduá e o preguiça.

Lá no alto, de um lado, o rio Campo Belo, cercado de um verde exuberante. De outro, um mar de pastos e de plantações de eucaliptos. Não é preciso nem mapa para saber os limites do parque.

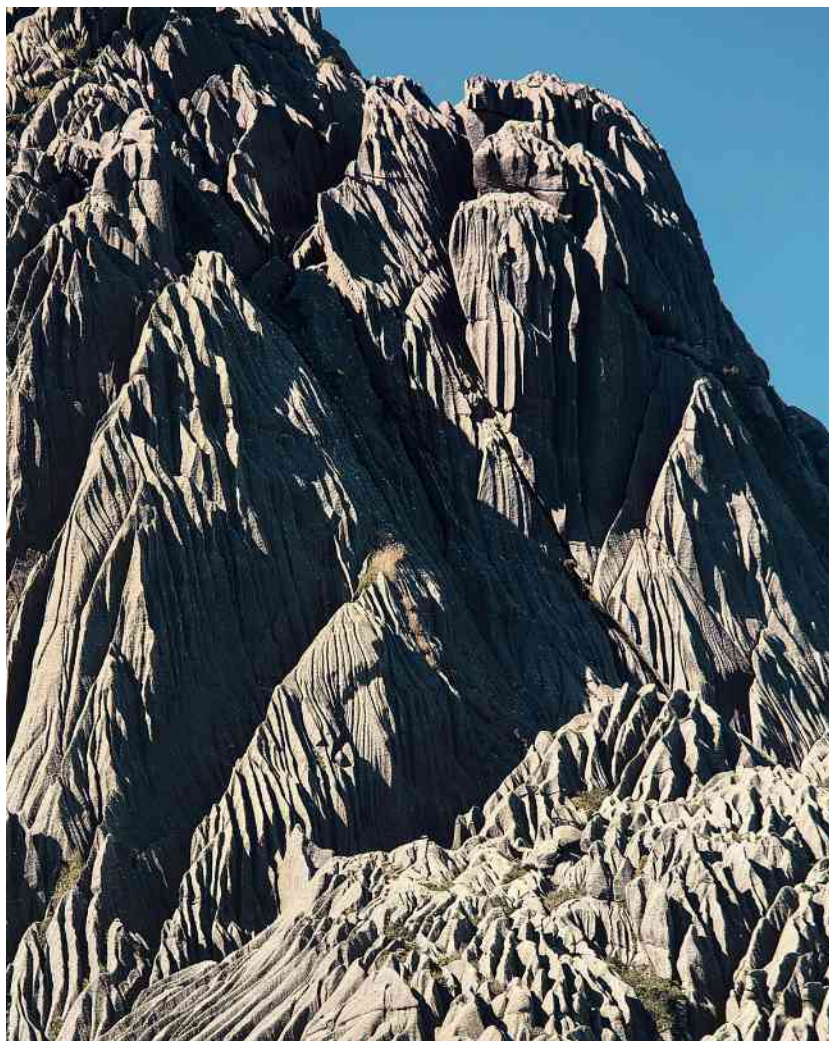
Fora do mirante, mas dentro das trilhas bem demarcadas, como a da cachoeira Vêu da Noiva, destacam-se os detalhes da floresta.

Na mata atlântica e seus vários estratos de altura, a luz muda em segundos.

Folhas e plantas se mexendo podem ser vento, respingo de água ou as centenas de espécies de aves que vivem em Itatiaia, o que dá ao parque o status de ponto internacional de observação de pássaros. Por isso, o ouvido deve ser calibrado para os novos sons da mata.

Mas há quem prefira borboletas. Existe um grupo que se reúne na região só para a observação desses insetos.

“A mata atlântica aqui está muito bem preservada. É grande a eficiência de unidades de conservação como esta para a preservação da



O pico das Agulhas Negras, que tem 2.791 m de altitude, no Parque Nacional de Itatiaia

floresta”, afirma Alexandre Salino, botânico e pesquisador da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Antes de conversar com a reportagem, ele dava uma aula sobre as pteridófitas (grupo que engloba as samambaias) para um grupo de alunos de pós-graduação.

Salino sempre se surpreende com a diversidade e a exuberância de Itatiaia. “Há espécies vegetais em alguns lugares do parque, principalmente na parte alta, registradas apenas aqui, perto do pico da Neblina e nos Andes”, afirma o pesquisador.

NAS ALTURAS

A chamada parte alta é o local de natureza tido por muitos como um dos mais belos do país. Se, embaixo, a floresta está a menos de 1.000 m de altura, na chamada parte alta, nos campos de altitude, tudo fica acima de 2.000 m do nível do mar.

Domina a paisagem, em dias claros sem nuvens ou neblina, os picos das Prateleiras e das Agulhas Negras, duas formações geológicas inesquecíveis. Há 70 milhões de anos, indicam os geólogos, houve uma explosão vulcânica na serra da Mantiqueira.

O magma acabou se resfriando e endurecendo. Soma-se a isso a erosão das partes moles das rochas. Tem-se o pico das Agulhas Negras, a 2.791 metros. O vulcão, hoje morto, quando ativo deveria estar a uns 5.000 metros.

“O ponto alto do parque é o poder que tem de atrair as pessoas”, diz Gustavo Tomzhinski, chefe do parque, que é administrado pelo ICMBio.

Para quem procura uma observação mais intensa da natureza, os dias de semana são os ideais para a visita. Nos últimos dois anos, mais de 250 mil pessoas conheceram o Itatiaia — menos de 10% em dias úteis.

No alto, ao longo das trilhas suaves que levam à base do pico das Agulhas Negras (é possível subir ao cume por meio de escadas guiadas), novamente o modo natureza precisa estar ligado.



Governo tem apenas 52% da área do parque

DO ENVIADO A ITATIAIA (RJ)

Bairros rurais, esqueletos de hotéis abandonados e outros prédios em funcionamento. Dezenas de casas de veraneio. Fazendas.

A regularização fundiária é um dos grandes problemas que pressionam a mata atlântica do Parque Nacional de Itatiaia, no Estado do Rio.

Para uma área que está prestes a completar 80 anos

de idade, seria natural que todas as terras do parque estivessem em posse do poder público. Mas isso ainda está muito longe de ocorrer.

Apesar de ter havido avanço nos últimos anos, hoje só 52% das áreas do parque nacional mais antigo do Brasil estão com o governo federal.

“Podemos estimar que, nos próximos dez anos, mais de 90% das terras do parque estarão com o Estado”, diz Gus-

tavo Tomzhinski, chefe do parque mais antigo do Brasil.

Segundo ele, grande parte das terras está sendo comprada com dinheiro vindo de processos de compensação ambiental. Ou seja, de pessoas físicas ou jurídicas que precisam reparar seus danos feitos ao meio ambiente.

Mas haverá ainda muita negociação com quem vive dentro do parque, complementa Tomzhinski. (E6)

MATA ATLÂNTICA

Ventos desmataram o equivalente a 700 campos de futebol em SP

Vendaval em cidades como São Roque e Mairinque atinge florestas e tira Estado do 'grau zero'

Sem essas tempestades, Estado teria perdido cerca de 80 hectares de mata e não estaria na lista de desmatadores

MARA GAMA
COLUNISTA DA FOLHA

Perdas consideráveis da cobertura florestal colocaram o Estado de São Paulo novamente na lista do desmatamento da mata atlântica no último ano.

Foram 698 hectares desmatados entre 2015 e 2016, 15 vezes o verificado entre 2014 e 2015, que atingiu 45 hectares. Um hectare é equivalente a pouco mais que um campo de futebol.

O Estado vinha reduzindo a área desflorestada desde 2010 e, em 2013, tinha atingido o "grau zero", que é atribuído quando há perda de menos de 100 hectares (1 km²) de mata nativa.

Os dados fazem parte do mais recente Atlas da Mata Atlântica, levantamento que cobre todo o imenso bioma, produzido pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Criado em 1985, o monitoramento começou com balanços a cada cinco anos e recentemente passou a ter atualizações anuais, com publicação de resultados em maio.

Segundo o coordenador técnico do Inpe Flavio Ponzoni, especialista em vegetação, a maior parte do desmatamento no Estado foi causada por ventos muito fortes ocorridos em junho de 2016.

O município que mais perdeu área de cobertura nativa foi São Roque, com decréscimo de 322 hectares. Na sequência vêm Mairinque, com 134 hectares, Atibaia, com 107 hectares, e Embu-Guaçu, com 55 hectares.

Descontado o fenômeno natural, o desmatamento causado pela ação humana teria sido de 80 hectares, o que manteria o Estado fora da lista de desmatadores.

Os ventos causaram estragos também nas áreas urbanas de Jarinu, Jundiá e Vargem Grande Paulista nos dias 5 e 6 de junho de 2016, provocando quedas de árvores e postes, destelhamentos de edificações, tombamento de veículos e ao menos uma morte (em São Roque).

Ponzoni diz que é possível ver as "cicatrizes" do vendaval na vegetação nativa nas imagens de satélite tomadas nos dias seguintes ao evento climático (veja fotos à dir.).

Laercio Namikawa, que atua na área de detecção de danos do Inpe, diz que não é possível afirmar que houve um tornado, embora existam indícios de um percurso de destruição.

Marcia Hirota, diretora-executiva do SOS Mata Atlântica, sobrevoou a área na última quarta-feira (24), quase

um ano depois do vendaval, e diz que já é possível ver alguma recuperação nos locais atingidos. "Precisamos garantir que essas áreas sejam regeneradas e se mantenham protegidas", diz.

Segundo Hirota, a área da serra do Mar está razoavelmente preservada no Estado, mas nos limites da mancha urbana da capital é possível ver o "efeito formiga" da ocupação desordenada do solo por moradias.

"O desafio no Estado é a recuperação ambiental, com a proteção dos fluxos hídricos com mata ciliar. Os municípios têm de planejar seu crescimento e respeitar a Lei da Mata Atlântica, que veta ocupação que não seja de interesse público ou social", afirma a ambientalista. "Cabe ao poder público emitir licenças e autuar infratores com a Política Florestal."

AVALIAÇÕES DISTINTAS

O secretário do Meio Ambiente de São Paulo, Ricardo Salles, informou que, de acordo com os dados do governo estadual, não houve aumento do desmatamento.

Salles afirma que a secretaria monitora os biomas do cerrado e da mata atlântica sem distinção, além das áreas de proteção ambiental (APAs) hídricas.

Além das amplitudes diferentes, há também diferença conceitual importante nos levantamentos realizados pela secretaria e pela SOS Mata Atlântica.

Para o órgão do governo paulista, o desmatamento é apenas o que foi retirado sem o licenciamento ou a compensação ambiental requeridos nos Termos de Compromisso de Recuperação Ambiental emitidos pela Cetesb.

Isso quer dizer que, enquanto os dados da SOS Mata Atlântica flagram os remanescentes florestais, os dados citados pelo secretário levam em conta a própria ação da administração ambiental sobre a ocupação econômica do território. Se há licenciamento e/ou compensação, não há, para ele, desmatamento.

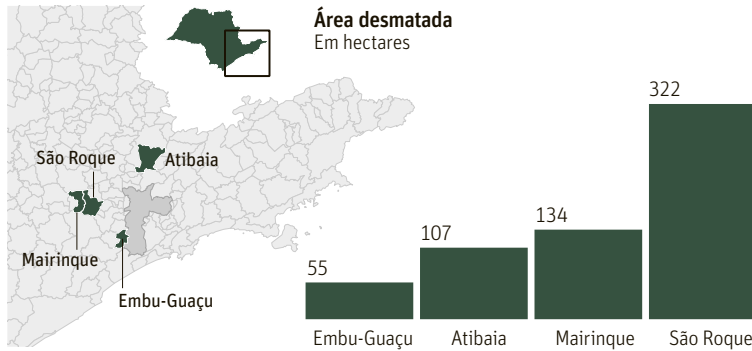
HISTÓRICO

A mata atlântica cobria originalmente 69% da área do Estado, cerca de 17 milhões de hectares. Hoje, restam 2.810.668 hectares, ou 16,5% do que havia.

De acordo com o Atlas da Mata Atlântica, nos últimos 30 anos foram desmatados 187.811 hectares do bioma no Estado de São Paulo. Dos 645 municípios paulistas, 574 estão localizados no bioma da mata atlântica.

São Paulo tem seis municípios na lista dos cem municípios que mais desmataram a mata atlântica no país entre 1985 e 2015, e a área total desmatada no Estado nesse período atingiu 33.719 mil hectares, cerca de 337 km², o que corresponde ao tamanho do município de Ilhabela.

TEMPESTADES QUE CAUSARAM DESMATAMENTO
Cidades paulistas mais afetadas pelos ventos fortes



Área de mata atlântica em São Roque em 2015, antes de ser atingida pelos ventos



A mesma área em julho de 2016, um mês após ser atingida pelas tempestades



Foto atual da área; um ano após o fenômeno, vegetação começa a se recuperar

A MATA EM NOTAS

Pau-brasil à vista
Quando Cabral aportou por aqui, a mata atlântica cobria 131 milhões de hectares —15% dos 851 milhões de hectares que tem o Brasil atual. Hoje são 16 milhões de hectares, ou seja, menos de 2% da área do país.

Em três décadas
De 1985, quando começou o monitoramento da SOS Mata Atlântica, a 2015, o país perdeu 1,89 milhão de hectares do bioma

3.429

dos 5.570 municípios do país (61% do total) estão em bioma de mata atlântica

Campeões 1
Dois Estados do Sul e um do Sudeste foram os maiores desmatadores entre 1985 e 2015 (em mil hectares)
» Paraná - 457
» Minas Gerais - 384
» Santa Catarina - 283

Campeões 2
Mas foi nesses mesmos Estados que houve a maior regeneração de mata atlântica de 1985 a 2015 (em mil hectares)
» Paraná - 75,6
» Minas Gerais - 59,9
» Santa Catarina - 25

Rebrotando
A área total de mata atlântica regenerada no país entre 1985 e 2015 atingiu 219,8 mil hectares. A maior parte dessa regeneração ocorre naturalmente, sem a influência humana, em terrenos abandonados

72%
da população brasileira vive em bioma de mata atlântica



Luciano Saraiva/Folhapress

Mangue
Estado com maior índice de desmatamento recente, a Bahia é a unidade da federação com a maior área de manguezais (em mil hectares)
» Bahia - 73
» Paraná - 33,4
» São Paulo - 26,6

Valparaíso
A área de regeneração de floresta em São Paulo de 1985 a 2015 foi de 23 mil hectares. Os municípios paulistas onde houve maior regeneração de floresta são (em hectares)
» Valparaíso - 754
» Castilho - 735
» Quatá - 676

Dunas
O Rio Grande do Sul é o Estado com maior área de dunas do país. São 102 mil hectares, mais do que a soma de todos os Estados do Nordeste

Conservação
Existem 2.233 Unidades de Conservação (federais, estaduais e municipais) em áreas de mata atlântica no país, que totalizam 12,1 milhão de hectares

DESMATAMENTO NOS ÚLTIMOS 30 ANOS

Municípios paulistas que mais perderam floresta nativa

Município	Área total do município (em hectares*)	Área florestal (em hectares)	Percentual de área florestal	Desmatamento de 1985 a 2016 (em hectares)	Desmatamento de 2000 a 2015 (em hectares)
Iguape	197.795	153.487	77,6	7.264	351
Registro	72.241	23.079	31,9	6.269	200
Barra do Turvo	100.782	53.840	53,4	5.386	939
Sete Barras	106.270	74.280	69,9	5.032	323
Eldorado	165.426	118.195	71,4	4.979	1.056

*1 hectare equivale a 10 mil m²